

Centro Ruth Cardoso
Ciclo Juventudes
Comitê Juventudes e Construção de Identidade
Questões identitárias e juventudes

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Questões identitárias e juventudes, realizado em 04 de novembro de 2021, no âmbito do Comitê Juventudes e Construção de Identidade.

Pessoas que pesquisam o tema interessadas em ter acesso ao registro audiovisual completo do debate podem entrar em contato pelo e-mail: crc@centroruthcardoso.org.br.

CONVIDADOS

- **AMANDA SADALLA:** é cofundadora e diretora-executiva da Serenas, organização dedicada aos direitos de meninas e mulheres. Atua há seis anos com educação para prevenção de violências contra meninas e mulheres em escolas públicas, além de oferecer treinamento para professores, agentes de saúde e demais profissionais no acolhimento a vítimas de violência;
- **ÂNGELA BECKER:** é analista-membro pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre (RS). É coordenadora do seminário Corpo (en)Cena, autora de publicações sobre adolescência, instituições, dança, arte e psicanálise;
- **RICHARD MISKOLCI:** é professor titular de Sociologia do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde coordena a área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Pesquisa os usos das redes sociais, desinformação e polarização política;
- **BILA SORJ** (mediação): é socióloga, historiadora, professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero do Programa de Pós-Graduação da UFRJ. Desenvolve pesquisas sobre estudos de gênero, relações de trabalho, família e políticas públicas. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- De que modo as questões identitárias são tratadas na formação dos jovens? Como fazê-lo de maneira positiva?
- Quais são os riscos dos ativismos identitários na construção da identidade dos jovens?
- Qual é o papel dos educadores nessa construção?
- Já nos anos 1970 a sociologia investigava o lugar das tecnologias e da industrialização na criação do conceito de estilo e cultura jovens. O que diferencia o impacto das mídias nas juventudes de hoje em comparação com as gerações anteriores?
- Como os professores nas escolas e universidades têm sido impactados por um cenário em que as juventudes cada vez mais buscam referências intelectuais nas redes sociais e não parecem admitir debate sobre posições das quais discordam?
- Qual é o papel das escolas em promover a aprendizagem da convivência democrática?
- Como a psicanálise enxerga os efeitos da inviabilização do diálogo, principalmente nos jovens? Já se percebe um impedimento causado pelas novas tecnologias à própria possibilidade da conversa?

DEBATE

JUVENTUDES E IDENTIDADES: UM DEBATE PLURAL

- Instituições fundamentais para a formação das identidades jovens – escola, família, comunidade – têm sido atravessadas por mudanças, tensões e conflitos, o que torna urgente refletir sobre o tema;
 - Diante da multiplicidade de experiências jovens e das dimensões envolvidas na construção da identidade, cabe falar sempre em “juventudes” e “identidades” no plural;
 - Importância de adotar uma perspectiva analítica que articule os diferentes saberes e campos de estudo.
- Ideia de “identificação”: tanto na sociologia quanto na psicanálise há um entendimento da identidade como contingente, relativa a tempos, espaços e culturas específicos;
 - Própria noção de juventude é histórica, catapultada nos anos 1950 enquanto um período de rebeldia, não aceitação das regras e busca por identidade – não por acaso, filme *Rebel Without a Cause*, traduzido no Brasil como *Juventude transviada*, é de 1955;

- Mídias – cinema, televisão, Internet – têm sido fundamentais nesse processo, criando as condições para que os jovens articulem possibilidades de construção de identificações e de diferenciação em relação às gerações anteriores;
- Juventude não se reduz a um corte etário: do ponto de vista da sociologia, conceito foi sendo gestado em conexão com ideias de geração e curso da vida.
- Uma leitura psicanalítica da identidade:
 - O contexto social e histórico faz parte da constituição subjetiva de cada época por meio de seus discursos dominantes, sendo determinante para os desdobramentos investigativos que uma criança produz a partir das alterações causadas em seu corpo pela puberdade (o que é proibido ou permitido, o que é entendido como feminino ou masculino etc.). Tais discursos afetam também o “real do corpo”, como a idade em que a menstruação inicia e as modificações possibilitadas pelo avanço da ciência (tratamentos hormonais, por exemplo);
 - No início do século, apostava-se no tempo que o sujeito precisa para desdobrar os traços que sustentam suas identificações. Hoje, com frequência, a primeira manifestação da criança em relação à sua posição sexuada é tomada como um saber, o que traz consequências para esse tempo necessário à construção de uma identidade. Exemplo: o desejo expresso por uma criança de ser o sexo oposto já não é mais visto necessariamente como uma infantilidade passageira;
 - Segundo Sigmund Freud, enquanto há para a natureza e os animais um “saber prévio” que determina os caminhos do prazer e do desprazer em cada espécie, o ser humano produz tais escolhas para si por meio de suas experiências de vida, de sua inserção crescente na linguagem, bem como do desejo de seus cuidadores e semelhantes;
 - Para o ser humano, há algo de estranho em seu corpo, uma imagem de si que vem do outro. Assim, nosso corpo depende não só do tempo e espaço, mas também do olhar e voz do outro, que possam ser seu suporte de identificações no mundo. Há, portanto, um processo natural que se define com o tempo. Não há como os pais fazerem o trabalho pela criança, seja escolhendo por ela, seja se ausentando para dar a ela total liberdade – mesmo que bem-intencionada, essa posição precisará ser contestada quando a criança passar pela adolescência para encontrar seu lugar desejante no mundo;
 - É por meio do corpo que estamos no mundo e fazemos a montagem da nossa identidade. Por isso, embora a psicanálise reconheça a importância da luta por direitos dos grupos que imaginariamente formariam uma identidade, o analista só pode escutar cada um na sua singularidade. Lidar com as diferenças é lidar com a alteridade, pois todos somos singulares. Reconhecer as diferenças não é entrar em juízo de valores: a injustiça vem do julgamento do que é melhor ou pior, e não da convivência com a diferença;

- Temos de nos ver como fenômeno da consciência de si, que engloba o nome próprio e a nossa memória através dos tempos e das mudanças que ocorrem. O que permanece em nós entre todas as transformações ao longo da vida? Não temos resposta. Por isso é sempre difícil ouvir uma definição vinda de fora sobre quem somos, já que ela nunca diz dos tantos "eus" que temos dentro de nós. Parece sempre uma redução e um veredito, principalmente na adolescência, em que a busca por si mesmo é intensa e fundamental;
- A psicanálise convida aquele que consulta a colocar em questão seu sentimento de identidade, sendo diferente, portanto, daquela identidade da nossa carteira como cidadãos. Trata-se aqui da identidade que leva em conta o outro (tanto os semelhantes quanto a cultura). De acordo com Jacques Lacan, é preciso aprender que "eu" é ao menos dois: ele e seu inconsciente. Não há identidade consigo mesmo;
- No tempo e espaço transformados pela lógica capitalista, junto com a linguagem binária da Internet, as relações entre as pessoas ficaram imediatas. Sem tempo para o lugar terceiro, aquele que possibilita a dialética e o diálogo, nossas diferenças ficam irreductíveis. O resultado é a escalada de ódios, intolerâncias e a segregação como modo de tratamento entre identidades sociais incompatíveis, mas chamadas a conviver no mesmo território e implicadas na mesma economia. É a perda do lugar de singularidade que cria fascismos.

"A infância é o tempo de maior abertura da não fixação dos modos e lugares de prazer. Aqui, falamos das possibilidades de deslocamentos e experimentações que ainda não se definiram. Quando há uma leitura por parte dos adultos das experimentações da infância ou puberdade como da ordem de um ato, um achado, uma decisão, interrompe-se a possibilidade desse desligamento e dessa movimentação tão necessários inclusive nos adultos, mas principalmente na infância e puberdade. Esse tempo de experimentação, de formulação de hipótese, não pode ser economizado." – ÂNGELA BECKER

"É importante considerar que, se os analistas não têm simpatia pelo termo 'identidade', é porque a análise deve desembocar na não identidade. A identidade é, de início, uma questão de controle social. Em outras palavras, diz-se: 'Seus documentos?'. Documentos que lhe asseguram a identidade de cidadão e, na falta, sabe-se quanto os sem-documento são suspeitos por definição. Isto é, no nível do discurso social civilizatório, os traços que nos identificam são aqueles que temos em comum com o grupo e que comprovam o nosso pertencimento a ele. Mas aqueles [traços] que nos diferenciam são os que dizem da nossa singularidade. Se o que a psicanálise chamou de 'eu' é o conjunto das imagens, inclusive imagens do corpo, e significantes que identificam o indivíduo social, o que se concebe como sujeito é a parte do ser que não é identificada por essas imagens e significantes. É o sujeito de quem não se sabe. É o nosso inconsciente." – ÂNGELA BECKER

"O laço civilizatório exige adaptação. A subjetividade se ajusta à exigência do laço social que ordena todos os hábitos do corpo: alimentação, posturas, vestimentas, gestão da violência e do sexo. E também o pensamento, com seus preconceitos e valores históricos.

Mas isso não torna todas as pessoas iguais. Apenas recalca, isto é, esconde as diferenças. A forma como os discursos sociais nos apresentam é uma espécie de espelho identitário do qual não se pode sair. Uma constelação de significantes: sexo, idade, origem, família, religião, instrução, profissão. Esses índices determinam a identidade social, aquela que é atribuída. Essa é a identidade social da alienação. O que provoca no indivíduo anseios contraditórios, porque todos queremos, sim, ter uma identidade social. Mas não uma qualquer, e sim uma valorizada. Então, por um lado, queremos ser iguais a todo mundo e, por outro, queremos ser distintos, destacados como únicos. E sabemos que na história da humanidade não foi sempre assim. O individualismo moderno nem sempre existiu. O que se deduz das lógicas do discurso que foram mudando a partir da modernidade? Pois, vejam, o discurso científico foi um dos principais responsáveis pela exclusão das diferenças, a exclusão do singular na criação de universalismos. Foi numa resposta a essa impossibilidade da ciência de ouvir a singularidade que a psicanálise surgiu: [Sigmund] Freud foi ouvir as histéricas que não podiam ser curadas pelos médicos. Por outro lado, o capitalismo tornou real essa exclusão subjetiva, tornando-a cotidiana em nossas vidas como uma realidade dada. O valor dinheiro se transformou no mais alto valor do indivíduo, como um valor íntimo.” – ÂNGELA BECKER

A IDENTIDADE JOVEM EM UM CONTEXTO TÉCNICO-MIDIATIZADO

- Novas tecnologias criaram um contexto comunicacional e de sociabilidade inédito que impacta principalmente os mais jovens;
 - Nativos digitais – pessoas nascidas a partir dos anos 1990 – não conhecem o mundo *off-line* nem fazem distinção entre real e virtual;
 - “Mais expostos às mídias do que nunca”: se íamos ao cinema uma vez por mês e assistíamos à televisão durante algumas horas do dia, hoje ficamos conectados ao celular em tempo integral;
 - “Internetcênicos”: ainda que as diferentes classes sociais façam usos distintos da Internet, mudança estrutural causada pelas novas tecnologias afeta todos os jovens – ricas ou pobres, juventudes trabalham, deslocam-se, informam-se de modo *on-line*;
 - Ponto de reflexão: em que medida essa mudança altera as dinâmicas e a comunicação entre os nativos digitais e as gerações anteriores, que têm referenciais de um mundo *off-line*?
- Jornadas de Junho de 2013 – movimento político que teve grande adesão jovem e foi muito organizado por meio das redes sociais – aconteceram nos exatos 18 anos da chegada da Internet comercial ao Brasil;
 - Fatos recentes como as Jornadas de Junho e *Occupy Wall Street* mostram os potenciais benefícios da Internet para a constituição de identidades políticas e experiências de sociabilidade por parte das juventudes;

- Maioria dos pesquisadores entende o ano de 2013 como o grande corte geracional do presente, pois foi quando o acesso à Internet passou a se dar, sobretudo, via *smartphones* – a partir daí, todas as nossas relações se tornaram mediadas pelo celular;
- Nesse sentido, passados oito anos, há gerações ainda mais jovens e mais radicalmente nativas digitais do que as juventudes que foram às ruas em 2013.

“De fato, as novas tecnologias merecem esse esforço crítico, mas não podemos abstrair do que elas geraram. Tem uma série de novidades dos movimentos de jovens em 2013 que geraram conceitos de horizontalidade na esfera política. Há jovens muito envolvidos em ativismos, coletivos feministas, LGBT. Então, as novas tecnologias também fazem circular conhecimento e informação sobre novas sociabilidades e as novas identidades preocupadas, por exemplo, com as questões feministas e as questões do racismo.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- “Esfera pública técnico-midiatizada”: nova realidade tem características tecnológicas (que passam por aspectos como a chamada “economia da atenção” e o funcionamento dos algoritmos) e também características da ordem do midiático;
 - “Uma geração que se constrói midiaticamente”: ainda que as gerações anteriores também tenham sido influenciadas pela mídia da sua época, os jovens de hoje aprenderam a se autoidentificar por meio da criação de perfis em redes sociais;
 - Junto com as características tecnológicas e midiáticas, há um terceiro elemento crucial da nova esfera pública: suas características comerciais, de difícil identificação mesmo para pesquisadores, que dirá para as juventudes (vide a demora da sociedade em reconhecer as redes sociais não como serviços públicos, mas como espaços comerciais);
 - Lógica comercial das plataformas dita a atuação de YouTubers e demais influenciadores digitais, cada vez mais tomados como referências formativas pelas juventudes.

“O que se passa ali [nas redes sociais] o tempo todo está dentro não só das lógicas midiáticas e tecnológicas, mas também de extrair de nós o lucro e fazer com que a gente se comporte de uma maneira econômica, no sentido de que construir um perfil on-line é também se tornar um sujeito empreendedor. Você tem que empreender em todas as plataformas para ter sucesso, para receber likes, para as pessoas gostarem de você, comentarem o que você escreveu. E, sobretudo, para que não ‘deslikem’ você, se é que é possível dizer isso. Para que não te cancellem.” – RICHARD MISKOLCI

“Se a nossa geração podia ter influência de modelos, de como deveria ser um homem, uma mulher, quem é bonito, quem é feio, imagine uma geração que tem o tempo todo que se apresentar on-line como se fosse um antigo astro de TV ou cinema. Porque, efetivamente, essas novas tecnologias não descorporificam, elas corporificam mais. A pessoa [nas redes sociais] tem que ser perfeita, bonita, maquiada, com o cabelo feito. A

distinção entre a vida das pessoas que trabalhavam na mídia e a das pessoas comuns foi borrada.” – RICHARD MISKOLCI

- Pontos de reflexão:

- Quais as consequências de os jovens refletirem sobre si mesmos e seu lugar no mundo em um contexto de relações constantemente mediadas?
- É possível pensarmos um cenário em que influenciadores digitais sejam fontes confiáveis de informação e referência para as juventudes?

“O mais preocupante é que é uma geração que será moldada por um inconsciente tecnológico. E como não conhecem o mundo antes – nem tinham como, porque não tinham nascido – e como as novas tecnologias são muito indutoras da agência e das formas de autocompreensão, esses jovens estão muito propensos a lidar com forças sociais e coletivas sobre as quais eles não detêm conhecimento.” – RICHARD MISKOLCI

“O borramento entre o que é conhecimento e o que é o conteúdo que circula pelas redes sociais como sendo conhecimento é muito complicado. Já é terrível para os jornalistas a confusão entre jornalismo de verdade e entretenimento – tem até um termo para isso, ‘infoentretenimento’, que são esses programas em que as pessoas ficam conversando sobre notícia por horas. No que toca à área do ensino, às vezes os YouTubers têm um título acadêmico, explicam como funciona algo da ciência, mas a pessoa fala de microbiologia e vende iPhone. Outra fala de relações raciais, desigualdade social e vende maquiagem. Ou, pior ainda, a pessoa está num jornal escrevendo sobre racismo estrutural sem nunca ter pesquisado relações raciais. O que é essa realidade em que as fronteiras entre o conhecimento, o entretenimento e o comercial se borraram? É um desafio imenso para o qual eu não tenho resposta, mas é importante a gente começar pela identificação da existência disso.” – RICHARD MISKOLCI

- Ponto de atenção: é preciso fugir do determinismo tecnológico e reconhecer os efeitos tanto positivos quanto negativos das novas tecnologias;
 - Até 2012, grande parte da produção intelectual sobre a Internet era marcada por uma expectativa bastante positiva, inclusive em torno das possibilidades de construção de relações mais democráticas. O que se seguiu, porém, foi um rescaldo negativo: aprovação do Brexit, eleição de figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro, entre outros acontecimentos.

MEDIAÇÃO E PRESENÇA: CAMINHOS PARA O FUTURO

- Novas tecnologias diminuem fortemente os elementos de identificação coletiva e as condições para o debate democrático:

- Lógicas do capital e da Internet confluem para impossibilitar tudo aquilo que sustenta um processo de pensamento – inclusive a figura do mediador, como professores, intelectuais e jornalistas;
- Internet e redes sociais estimulam que as pessoas se compreendam a partir de identidades que são segmentos sociais, o que não garante a construção de alianças políticas. Exemplo: ainda que um jovem passe a se reconhecer em uma identidade sexual específica, isso não significa que se veja como parte da comunidade LGBTQIA+;
- “Uma sociedade construída pelo individualismo em rede é uma sociedade do conflito contínuo”: mídia produzida entre os anos 1920 e 1980, ao atingir um grande público com os mesmos conteúdos, criava uma sensação de pertencimento coletivo que confluí para a democracia representativa. A partir dos anos 1990, com a segmentação promovida pelas novas tecnologias, há uma confluência efetiva para o autoritarismo e a recusa da realidade, quando esta não serve de espelho à visão de mundo do indivíduo;
- Cenário é agravado pela disseminação massiva de desinformação, o que reitera a necessidade de regulação das plataformas *on-line*.

“Como é construir relações em que você bloqueia quem você não gosta? Como é construir uma vida social, se você cancela quem você diverge? Você pode construir um movimento coletivo de manada para destruir alguém. E, com muita frequência, para destruir pessoas que estão te trazendo conhecimento. Passei muito tempo estudando para entender por que essa perseguição a nós, intelectuais. E tenho hoje total segurança de que é pelo fato de sermos mediadores, enquanto toda a ordem da esfera pública técnico-midiatizada é de construir novos cidadãos que não aceitam a intermediação.” – RICHARD MISKOLCI

“A identificação enquanto um indivíduo que é um perfil é economicamente excelente para o sistema atual das plataformas, e isso cria formas de se relacionar muito propensas ao autoritarismo – dentro de contextos muito contraditórios, em que um jovem pode ter a melhor das intenções, considerar-se antirracista, pró-LGBT, mas na maneira de lidar com as demandas de justiça social ele adota estratégias e formas de agência extremamente autoritárias como o cancelamento. O autoritarismo que as mídias trouxeram para a sociedade em geral não deixa de ser preocupante, em particular para os jovens.” – RICHARD MISKOLCI

“Nos dois meses que passei no Recife conversando sobre educação menstrual [em escolas da rede pública], entendi o nível de desinformação sobre puberdade e comecei a me perguntar qual informação esses adolescentes estão acessando na Internet. Eu ouvi coisas do tipo: ‘Ah, os meninos dizem que as meninas menstruam porque elas se masturbam com a unha comprida’. ‘Eu menstruo porque eu como muita besteira.’ E era sempre a frase: ‘Eu li na Internet’. Então, por um lado, a Internet ajuda as meninas com diversas dúvidas, mas, por outro, dissemina uma desinformação absurda que é muito prejudicial para a vida delas.” – AMANDA SADALLA

- Importância da construção de ambientes em que as juventudes se sintam seguras para buscar referências e conversar sobre a identidade que estão formando – tarefa na qual a escola tem papel crucial:
 - Estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio estão atravessando a puberdade, momento central no descobrimento e entendimento da própria identidade;
 - Em geral, jovens não enxergam na escola um ambiente de escuta e orientação sobre suas demandas em saúde mental – tema cada vez mais prioritário para esse público, inclusive pela via do autodiagnóstico com base em informações *on-line*;
 - “Os meninos estão muito perdidos”: particular dificuldade dos meninos em desconstruir ideias preconcebidas sobre como deve ser um homem para que expressem quem querem ser de fato – processo fundamental para prevenir violências contra eles mesmos (depressão, automutilação, suicídio) e contra os outros (em particular, contra meninas);
 - “Se a gente acha que o problema [da violência sexual contra meninas] é grande, ele é muito, muito pior”: demanda especialmente crítica por acolhimento de meninas sobreviventes de violência sexual, cuja falta de atendimento adequado impacta na construção de suas identidades e projetos de vida;
 - “O corte no mundo”: para a psicanálise, impossibilidade do diálogo se manifesta nos jovens por meio das escareações no corpo enquanto tentativa de solução malfadada perante um “mundo engolidor de diferenças”.

***“Quando eu chego nas escolas para falar sobre violência de gênero, violência doméstica, pobreza menstrual, eu sempre pergunto: ‘Vocês já aprenderam sobre isso na escola?’. E a resposta é sempre não. ‘Não, a gente nunca teve espaço para falar sobre isso.’ E aí, eu pergunto: ‘Mas vocês gostariam de falar sobre isso na escola?’. E todos respondem: ‘Claro, com certeza! Eu não entendo por que a gente não fala sobre isso.’”* – AMANDA SADALLA**

- Pontos de reflexão:
 - De um lado, como as escolas podem oferecer uma formação mais alinhada às necessidades do mundo de hoje, que passam por temas como tecnologia, democracia e saúde mental?
 - De outro lado, como acolher e apoiar os próprios educadores, sobre quem recaem todas as demandas estruturais – principalmente em um contexto de profunda disputa política em torno das escolas?

“O que é a convivência democrática? Trocar ideias, discutir de um ponto de vista da democracia, e não dos embates. No meu entender, a questão midiática [da Internet] deveria até facilitar as discussões e a divulgação de informações, mas o que nós temos observado é um radicalismo, um autoritarismo, inclusive no processo de discussão. As várias bolhas não se falam, não discutem entre si, mas se combatem. E a escola é

fundamental nesse processo de aprendizagem do comportamento democrático. O que é montar um grêmio, por exemplo. E assim mesmo a sociologia caiu fora do currículo.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“É real o medo dos educadores de abordar qualquer coisa que toque em identidades nas escolas. A gente pode estar falando de sexualidade, de violência de gênero, de racismo, da história do país. É realmente um medo muito grande que os educadores têm sentido. E o que eu vejo são educadores muito corajosos que, apesar desse medo, têm tentado levar esse debate para a sala de aula.” – AMANDA SADALLA

“Não por acaso, a escola está sendo muito disputada ultimamente. Nessa nova realidade comunicacional e econômica, a escola e o seu potencial são reconhecidos tanto pelos progressistas quanto pelos conservadores, e é um espaço muito indefinido.” – RICHARD MISKOLCI

- “A gente está com falta de presença”: para trabalhar a saúde mental dos adolescentes, reforçar laços sociais e criar possibilidades democráticas, é radical a importância do corpo presente.

“Não é por nada que nos últimos anos a Internet fez um efeito de uma lógica binária e plana nas nossas mentes, nossas relações, inclusive relações políticas. É como se as nossas relações só pudessem estar na tela. Estar na tela é realmente estar na impossibilidade de fazer a diferença entre o real e o virtual, e isso é fundamental para a sustentação da mediação. Que mediação é essa? É a sustentação que o corpo faz. Ele é o sustentador dos afetos. É o sustentador das indagações, das dúvidas, das não respostas, do não pensamento lógico. É isso que dá possibilidade de produzir identificações e, ao mesmo tempo, de produzir laço. Estar de corpo presente na possibilidade de escutar, de escutarem uns aos outros. Não importa ter a resposta certa. Importa poder circular. Essa possibilidade de estar em conjunto nas suas diferenças e, a partir de um mediador – porque o professor é isso, a escola é essa mediação –, poder conviver e buscar pequenas identificações, porque elas são sempre pequenas. Elas são sempre traços uns dos outros. Isso é exercício de democracia.” – ÂNGELA BECKER

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*, livro de Sherry Turkle (2011)
- *Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada*, livro de Richard Miskolci (2021)
- *Caiu na net: nudes e exposição de mulheres na Internet*, livro de Beatriz Accioly Lins (2021)

- Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, fundado na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964, que se tornou referência na área de estudos culturais
- *Diversidade, equidade e inclusão na escola*, estudo realizado por Instituto Inspirare, Instituto Unibanco e Agência Tellus no âmbito do projeto Faz Sentido (2018): <https://bit.ly/3inEluH>
- Fundo Malala, criado em 2013 por Malala Yousafzai e Ziauddin Yousafzai para apoiar ativistas que lutam pelo acesso de meninas à educação em oito países, entre eles o Brasil: <https://bit.ly/36ab8ql>
- *Manual de defesa contra a censura nas escolas*, publicação lançada por um grupo de mais de 80 entidades de educação e direitos humanos (2022): <https://bit.ly/37DwHjc>
- *Rebel Without a Cause* (br: *Juventude transviada*), filme de Nicholas Ray com James Dean e Natalie Wood (1955)